

Carmem Maria

© 2014 – Conhecimento Editorial Ltda

**Carmem Maria**  
Anna Ponzetta

Todos os direitos desta edição  
reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques  
CEP 13485-150 – Limeira – SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
www.edconhecimento.com.br  
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,  
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico,  
inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de  
gravação – sem permissão, por escrito, do Editor.

**Edição de texto:** Margareth Rose Fonseca Carvalho  
**Projeto Gráfico:** Sérgio Carvalho  
**Ilustração da Capa:** Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-319-8 – 1ª Edição - 2014

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
Fone: 19 3451-5440  
e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ponzetta, Anna.  
Carmem Maria – Limeira, SP : Editora do  
Conhecimento, 2014.

ISBN 978-85-7618-319-8

1. 2. I. . II. Título

CDD – 133.93

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Mensagens mediúnicas psicografadas : Espiritismo : 133.93

Anna Ponzetta

# Carmem Maria

1ª edição  
2014





## Sumário

Carmem Maria .....	9
Luzia .....	11
A morte do doutor.....	18
A fuga .....	23
Irmã Julia.....	26
A emboscada.....	31
Espanha, 1714 .....	36
A prostituição.....	41
Vanda.....	43
Uma aparição.....	45
A ajuda de Vanda.....	50
Juan .....	52
Voltar .....	57
Os peregrinos .....	59
O amigo Diego.....	63
De volta à terra natal.....	67
A casa de Suzanne.....	70
Carmem Louise .....	75
Caminhada de reconhecimento .....	78
As regras da casa.....	80
A visita de Dom Alfredo .....	84
Um sonho bom e um triste episódio.....	86
Um anjo .....	89
Memórias amargas .....	95
Esclarecimentos.....	97
Novo ângulo de visão .....	100

Suzanne e Lucila .....	104
Treze .....	109
O codinome .....	114
Um teste .....	117
Pronto-socorro espiritual.....	119
A morada de Treze.....	122
Socorrendo Suzanne.....	126
O afastamento de Ricardo .....	130
Reencontros .....	134
O resgate.....	138
Visitas esclarecedoras.....	140
Lições de Treze .....	143
A regressão.....	146
A proposta .....	148
Lições de Dom Alfredo .....	152
A decisão.....	157
Espanha, Aragão, 1826 .....	159
Meu amigo Santiago.....	164
Eleonora.....	167
Visitando Eleonora.....	172
A intervenção .....	174
O relato do aspirante a guardião (Diego).....	178
Um susto .....	186
Um desentendimento .....	189
Esclarecimentos de Treze.....	192
Uma boa notícia .....	194
Fase difícil .....	197
O palácio e Santi .....	199
Um dia especial .....	202
Um infeliz episódio.....	204
Atividades e um comentário .....	206
O desentendimento.....	208
Surge uma amizade .....	210
A demissão.....	213
Um novo encontro e um pedido.....	215
Uma surpreendente proposta.....	217
As guardiãs (plano espiritual).....	221
Uma escolha difícil .....	224
O estupro .....	227
A rua e a revelação.....	230
Diego e Stella (plano espiritual).....	234
Serafina.....	237
A decisão e o sonho.....	240
A preparação de Diego .....	243
Madame Celeste.....	245

Soledad .....	253
Uma proposta de trabalho .....	255
A chácara .....	258
Aprendendo com a Madame .....	260
Maria .....	262
A novidade .....	264
Ajuda espiritual – relato de Stella .....	266
Maria e o padre .....	271
Assistência a uma gestante e o destino de Maria .....	274
O Guardião das Treze Estrelas .....	277
O renascimento de Diego .....	279
Adotando Joege .....	282
Treze e Alfredo – relato de Treze .....	284
O desafio .....	288
Explicações da Madame .....	291
Uma importante decisão .....	294
O salão .....	297
Proteção espiritual .....	299
Stella e Treze .....	305
Santiago e o general .....	310
Revelação constrangedora .....	317
Uma nova oportunidade .....	320
O trabalho de Alfredo .....	324
Nós, os guardiões .....	326
Reencontro – relato de Ramon .....	329
Meus pais .....	332
Uma situação delicada .....	337
Suicídio .....	341
Mudanças .....	345
O dom .....	347
Amadurecimento .....	349
Aprendizado e confidências .....	352
Uma grande alegria e uma grande herança .....	356
A constelação .....	359
A continuação da vida .....	360
Seguindo em frente .....	363
A mensagem .....	365
Uma conquista .....	369
Sua Majestade .....	371
A recepção .....	373
Um bom momento .....	375
Assédio .....	376
Celeste no plano espiritual .....	380
Sementes de Luz .....	386
De volta ao lar .....	389



## Carmem Maria

Espanha, à época da Inquisição. Carmem foi condenada à morte na fogueira, acusada de “bruxaria”. Presa por cordas a um pedaço de madeira mais alto que ela, apenas teve tempo de observar cada rosto que ali compareceu para vê-la arder. O fogo foi ateado e a fumaça sufocante começou a subir. Nesse momento, lembrou-se de Deus; então pediu perdão e misericórdia, pois seu único “pecado” havia sido o da prostituição. Diante da súplica sincera, adormeceu, não sentindo as dores do fogo na carne.

Reencarnou como cortesã. Dessa vez, porém, usufruía do luxo. Abrigou em sua casa profissionais do sexo que eram severamente maltratadas e humilhadas nas ruas; cuidou delas, dando abrigo, alimentação e uma maneira mais digna de trabalho. Eram como filhas para Carmem.

Na qualidade de cortesã de luxo, transformou as mulheres com as quais trabalhava em luxuosas prendas para os homens mais ricos da região. Sua casa era frequentada por aqueles que pertenciam à elite da sociedade. Muitos desses homens eram os mesmos que a haviam condenado à morte no passado. Suas esposas eram as mesmas mulheres que, em praça pública, diante da fogueira em que Carmem ardia, escarneciam em risos de alegria e bradavam as mais torpes acusações.

Os homens que outrora condenaram Carmem tão cruelmente agora caíam aos seus pés, sofrendo e fazendo sofrer suas esposas, tamanho era o fascínio que ela exercia sobre eles.

Todos os rostos que Carmem vira antes encontravam-se ali, compartilhando com ela de mais uma encarnação de expiações dolorosas.

Hoje, Carmem é um espírito que tem por missão proteger e velar pelas profissionais do sexo.

16 de maio de 2007

## Luzia

Nasci num humilde casebre e me chamava Luzia. Minha família, muito pobre, vivia da caridade alheia e do pouco de terra que possuíamos no fundo do pequeno quintal. Eu era a primeira filha de uma mulher sofrida pela falta de recursos e que já havia dado à luz outras duas crianças. Meus irmãos, ainda muito pequenos, olhavam para mim com curiosidade, mas, obedientes, não se atreviam a chegar muito perto da recém-nascida flor da família, que apesar da pobreza me recebia com amor e alegria. Batizaram-me então com o nome de Luzia; talvez pelo amor que meu pai sentia por sua região natal, Andaluzia.

Eu crescia, malgrado as dificuldades. Meus irmãos mais velhos ajudavam minha mãe a cuidar de mim. Dentro de suas limitações, faziam mais do que muitos adultos. E assim a vida da humilde família seguia, vencendo a cada dia uma dificuldade, sem jamais perder a fé. Juntos frequentávamos a igreja onde, de alguma forma, recebíamos ajuda. Por esse motivo, a frequência às missas representava para nós mais do que a fé: era uma necessidade.

Na casa de Deus, os lugares que nossa família ocupava eram os que sobravam, geralmente nos fundos e de pé. Éramos sempre observados da cabeça aos pés em razão dos nossos trajes humildes, que contrastavam com os demais, causando constrangimento a nossos pais, que sentiam por nós a dor do preconceito que maltrata e exclui. Era dolorido! Não fosse a necessidade e a fé,

deixariam de lado aquele compromisso semanal.

Estava eu com nove anos de idade quando outro grande abalo recaiu sobre nossa família: a morte repentina de papai. Homem pobre, mas digno, sofreu de um mal súbito que o levou para o outro mundo. Sofri eu, sofreram meus irmãos, sofremos todos, e a situação, que já era difícil, ficou pior. Eles faziam o que podiam para ajudar, mas a falta de papai tornava nossa família ainda mais desprotegida, sofrida e necessitada.

Fato pior se deu quando mamãe, já cansada da luta, adoeceu. Fizemos de tudo para salvá-la, mas o “pior” aconteceu e nós três ficamos órfãos. Comovido, o padre tratou de buscar um abrigo para nós e, com sua influência e boa intenção, arranhou vaga para os três no orfanato da cidade.

Logo após a nossa partida, na casa humilde da família desfeita, ergueu-se uma bela capela toda decorada, onde “fraternalmente” se recolha ajuda para órfãos desfavorecidos pela sorte. Toda semana o auxílio chegava, mas o destino que ele tomava só Deus sabia, pois as crianças jamais o recebiam. A vida no orfanato era dura, a disciplina era rígida, havia horário para tudo: orava-se três vezes ao dia, quando não era mais. O orfanato era mantido por irmãs de caridade, que de irmãs e de caridosas não tinham nada.

Meninos e meninas viviam em ambientes separados; com isso permaneci mais tempo sozinha do que com os meus irmãos. Eles pelo menos tinham um ao outro para se confortarem. Eu não tinha ninguém. Por isso chorava muito, o que me levou a ser castigada pela primeira vez. Como eu não conhecia o castigo, essa foi outra traumatizante experiência. Eu chorava tanto que o castigo dobrou, até o dia em que o médico da cidade teve de ser chamado, depois que me encontrava à beira da morte.

– O que foi isso, irmã? – interpelou o médico.

– Isso é uma menina desobediente e doente, somente doutor – respondeu a madre superiora rispidamente.

– Não, senhora madre, aqui, diante de mim, está uma criança que sofreu maus tratos e...

Antes que o doutor terminasse a frase, a madre retomou a palavra:

– Está nos acusando, doutor?

– Se é assim que entende, não posso fazer nada. Sou médi-

co e sei muito bem o que vejo. Essa criança foi espancada, mal nutrida e chorou tanto que nem mesmo se pode ver a cor de seus olhos. Se a senhora ousar me desafiar, levo este caso a público e então veremos quem está com a razão, “senhora”.

– Desculpe, doutor – disse a madre, que se viu sem argumentos. – O senhor não sabe como é difícil para nós, servas do Senhor, cuidar dessas crianças mal-educadas e malcheirosas, cheias de modos vulgares e...

– Não me venha com histórias! – respondeu com autoridade o médico, que estava habituado a lidar com esses casos.

Cabisbaixa, a madre pediu que ele continuasse a cuidar de mim e, em silêncio, saiu da sala.

– Não tenha medo, Luzia! Estou aqui para ajudar; me diga, o que foi que fizeram com você?

Eu não conseguia falar, nem chorar, pois meu estoque de lágrimas havia se esgotado. Profundamente tocado pela situação, ele cuidou de minhas feridas externas e medicou minhas dores físicas, embora sentisse que as dores íntimas fossem muito maiores e marcantes. Quanto a isso, ele nada podia fazer a não ser me abraçar com cuidado e amor. Comovido e revoltado, voltou à sala da madre, falando duramente:

– Fiz a minha parte, espero que a senhora faça a sua e jamais, em tempo algum, por motivo nenhum, permita que aqui, nesta casa de Deus, isso se repita.

– Tomarei providências, doutor!

Sem se despedir, ele saiu com a firme convicção de que encontraria um meio de ajudar a mim e a todas aquelas crianças.



E assim vivi minha infância, em meio a dores que poucos adultos suportariam. Tive de aceitar a morte, o abandono, a separação dos meus irmãos, que eram a única referência de família que me restara. Tive de conviver com castigos morais e físicos, sem ter com quem reclamar. A única pessoa com quem eu sabia que podia contar era o doutor, que passou a visitar o orfanato mensalmente depois do infeliz episódio de minha quase morte. Ele trazia na valise muito mais do que remédio: trazia esperança, alegria, afeto. Foi como um anjo da guarda

para mim. Sempre perguntava sobre tudo: se me tratavam bem, se eu comia, dormia e vivia bem. Sempre respondia que estava tudo bem, pois eu sofria ameaças duras das irmãs: escondidas, elas ouviam as nossas conversas e controlavam para que nada chegasse aos ouvidos do doutor.

É certo que, depois que ele ameaçou a madre, os castigos físicos diminuíram, porém não deixaram de acontecer. Mas o que eu, com tão pouca idade, poderia fazer? Apenas seguia minha intuição e tratava de obedecer a todos. Sentia muito medo; sentia falta de minha casa, dos meus pais, das poucas coisas que tínhamos, mas que em comparação com a vida ali no orfanato eram valiosíssimas.

Embora meus irmãos também vivessem ali, eu raramente os via, fato que aumentava a minha dor, a minha solidão e a nítida sensação de abandono que, conseqüentemente, me levou a crer que Deus realmente não existia, que tudo era apenas fantasia e que todas as pessoas, exceto o doutor, eram más.

E a dor virou revolta. A revolta virou dureza. A dureza virou cinismo. O cinismo virou esperteza. A esperteza virou astúcia. A astúcia virou provocação. A provocação virou sedução e a sedução passou a ser a minha maior arma diante de tudo o que eu vivia. Infelizmente, o que até ali a vida me havia ensinado era a defesa, a rudeza e a necessidade de sobrevivência a qualquer preço.

Todos ficavam no orfanato por um período. Uns saíam por atingirem a maioridade, outros porque eram adotados por famílias, outros por conseguirem trabalho e acomodação. Eu rezava todos os dias para que uma dessas opções chegasse até mim e me levasse para longe dali.

Minha reza deu certo para o meu irmão mais velho, que conseguiu trabalho e saiu antes de mim e de meu outro irmão. Na despedida, falei baixinho no ouvido dele para que nos ajudasse a sair também. Ele segurou minhas mãos e prometeu que faria tudo que pudesse para conseguir nos tirar dali.

Fiquei feliz; enfim uma esperança, uma nova luz que se acendia em nossas vidas começou a brilhar. Exultei e rezei muito pelo meu irmão, mesmo desacreditada. Mas naquele momento senti que a minha fé se renovou e pedi perdão a Deus por não ter acreditado N'Ele algumas vezes.

O tempo sempre passa. Minha ansiedade em sair do orfanato crescia a cada dia e, quando meu irmão vinha nos visitar, eu cobrava dele uma solução.

– Calma, Luzia! Estou tentando arranjar trabalho para vocês dois, mas está difícil. Há pouco trabalho nesta época. Vamos esperar, ter fé. Alguma coisa Deus haverá de mandar para vocês. Tenhamos paciência, mesmo porque, de qualquer forma, vocês têm um teto, roupa e comida. Imaginem como seria muito pior se estivessem pelas ruas ou na casa de alguém que os maltratasse ainda mais. Pense nisso, Luzia, e não deixe de rezar com muita fé!

Palavras já não mais me consolavam. Passei a buscar a minha liberdade por mim mesma. Comecei a planejar uma fuga, mas sem ajuda seria muito difícil e eu sabia que não poderia contar com ninguém nesse caso.

Numa das visitas do doutor ao orfanato, resolvi criar coragem e lhe perguntar se sabia de algum trabalho que eu pudesse fazer para sair dali.

– Pequena Luzia! – respondeu com carinho o doutor. – Você é muito jovem; aliás, você ainda é uma criança. Ninguém daria trabalho a você sendo tão jovem assim, menina.

– Não sou tão criança assim, doutor. Tenho treze anos e sou forte. Posso fazer qualquer coisa. Eu trabalho muito aqui, o senhor sabia?

Mesmo sabendo que estávamos sendo ouvidos, resolvi arriscar a minha sorte, já preparada psicologicamente para as consequências que viriam.

– Trabalha? Como assim?

– Lavo o chão, a louça, faço café, chá, comida, arrumo as camas, tiro pó...

– Chega, Luzia! Entendi. Você ajuda como se fosse na sua casa. Sim, porque meninas na sua idade estão realmente aptas a trabalhos leves para ajudar suas mães nos afazeres domésticos. Isso é normal. O que quero dizer é que trabalho, com salário mensal e acomodação, na sua idade, é muito difícil arranjar, mesmo porque é contra a lei.

Triste, me despedi e passei a aguardar os resultados do que dissera ao doutor. Esperei o dia todo. Nada! Achei estranho, mas continuei com minhas obrigações, sempre dando um

jeito de brincar um pouco. A noite caiu e quando eu estava me preparando para dormir, eis que a consequência chegou. Tremi de medo, mas mantive a calma. Uma das irmãs tinha ouvido a minha conversa com o doutor e começou a me interrogar como fazem os policiais e os padres:

– Então você quer trabalhar? Quer sair daqui?

– Sim, eu quero! – respondi com uma coragem que jamais pensei ousar.

– Como disse o doutor, Luzia, você ainda é muito nova para conseguir trabalho. Até mesmo para trabalhos domésticos você ainda é muito menina.

– Entendi isso, irmã. Só achei que, da mesma forma que trabalho aqui, eu poderia trabalhar em outro lugar, começando uma vida nova na qual eu mesma pudesse ganhar o meu sustento. Foi só nisso que pensei, eu juro.

– Certo, menina, compreendo. Talvez eu possa ajudar; já que você quer mesmo, posso dar um jeito de arranjar trabalho e moradia para você fora daqui.

Mal acreditei no que estava ouvindo. Aquela que falava comigo era uma das irmãs mais calmas; não que fosse boa, mas, em comparação com muitas das outras, até que ela não era tão má.

Por isso o meu coração se encheu ainda mais de esperança. Deus finalmente havia ouvido as minhas preces e mandado uma de Suas servas me libertar daquele cativeiro sem correntes.

– Quero sim, irmã! Quero muito um trabalho. Se a senhora conseguir, ficarei muito agradecida e juro que vou rezar pela senhora todas as noites.

– Não preciso de suas rezas, Luzia; disso eu mesma dou conta. Só uma coisa quero que fique bem clara: preste muita atenção porque vou falar só desta vez e, se você não cumprir o que vou exigir, seu destino pode se tornar bem pior do que já é, entendido?

– Sim, irmã, pode falar; faço qualquer coisa.

– Muito bem, Luzia, muito bem. Essa conversa que tivemos deve ficar apenas entre eu e você. Jamais revele a ninguém, nem mesmo aos seus irmãos que sou eu quem a está ajudando; estamos bem entendidas?

– Sim, irmã, jamais contarei a ninguém, eu juro!

– Não jure tanto, Luzia. Juramentos costumam ser quebra-

dos; antes, sim, prometa.

– Prometo, irmã, prometo e agradeço a sua ajuda. Que Deus lhe pague o bem que está fazendo por mim!

– Agora chega de conversa e vamos dormir. Boa noite, Luzia, sonhe com os anjos, menina!

Confesso não ter gostado do tom da irmã ao se despedir de mim naquela noite. Achei o jeito dela estranho, meio assustador até, mas deixei para lá, afinal algo de realmente bom estava para me acontecer. Eu ia sair de lá. Deus não poderia ter mandado pessoa melhor que a irmã para me ajudar.

De joelhos, rezei naquela noite, agradecida a Deus e a todos os santos por aquela ajuda que estava chegando e, com o coração leve e esperançoso, dormi.

O dia amanheceu e minha disposição para o trabalho estava grande, eu estava feliz. Todos notaram e perguntaram o que, afinal, estava acontecendo comigo. Respondi com meias palavras, procurando me esquivar da curiosidade de minhas colegas, e segui o meu dia.

Às vezes, o que queremos muito não é o melhor para nós e, quando insistimos nesse querer, Deus mostra, com todo o seu poder, que estávamos errados.

Eu mal podia esperar pelas novas notícias que a irmã me traria. Eu a seguia com o olhar para onde ela fosse. Dava um jeito de sempre estar próxima dela e, percebendo a minha ânsia, veio falar comigo, chamou a minha atenção dizendo que eu me mantivesse distante e que, na hora certa, ela viria falar comigo.

Obedeci mais que depressa e tratei de esperar.

## A morte do doutor

Os dias passavam lentos e aos poucos a minha euforia ia diminuindo. Cheguei a pensar que a irmã havia se arrependido, ou que não tivesse conseguido trabalho para mim.

Meus pensamentos foram interrompidos por uma notícia que, assim que chegou, foi como se o chão tivesse fugido aos meus pés:

– O doutor foi morto. Mataram o doutor!

Todos correram ao encontro do mensageiro, mas ele foi levado à presença de nossa superiora sem falar com ninguém.

Esperamos sua saída para saber dos detalhes, e se o doutor ao qual ele se referia era o mesmo que cuidava de nós. Custávamos a crer que o nosso “anjo guardião” tivesse nos deixado. Meu coração sofrido rogava aos céus para que não fosse ele o morto.

O mensageiro saiu e, sem pronunciar palavra, montou em seu cavalo e se foi. A expectativa era grande. A nós restava apenas a espera pelo pronunciamento de nossa superiora, que poderia não acontecer.

O silêncio reinou no orfanato. Era como se todos soubessem, mesmo sem confirmação, que o doutor morto era o nosso anjo guardião. A noite caiu e o jantar foi servido em silêncio absoluto. Todos tristes, esperando uma palavra que comprovasse nossas suspeitas.

Findo o jantar, quando todos já se preparavam para o recolhimento, a madre superiora surgiu pedindo que nos dirigísse-

mos ao salão principal, pois ela queria nos dar uma notícia. Senti todo o meu corpo estremecer e gelar; senti uma enorme vontade de chorar, mas me contive, como vinha aprendendo a fazer havia algum tempo.

– Sei que todos perceberam que hoje à tarde recebemos a visita de um mensageiro. Sei ainda que ouviram o que ele, em brados, chegou anunciando, não é mesmo?

Cabisbaixos, limitávamo-nos a ouvir as palavras da superiora.

– Pois bem, crianças, tenho uma triste notícia a dar. O doutor que cuidava de vocês morreu. Outro virá em seu lugar e espero que se comportem decentemente diante do novo médico que deverá nos visitar em breve.

Dito isso, ela se retirou. Não explicou o que houve. Não disse por qual razão o doutor morrerá. Sua mensagem foi fria, curta e grossa, como se para nós o doutor não significasse nada.

Para mim foi mais uma insubstituível perda, mais uma dentre as muitas que já carregava.

Chorei aquela noite inteira. Estava órfã mais uma vez. Por qual razão Deus permitia isso? Será que eu havia feito algo de tão grave a Ele que não podia ser perdoada? Por que Ele permitia que todos se afastassem de mim? Estaria eu doente gravemente ou seria uma pecadora irrecuperável?

O desaparecimento repentino do doutor reforçou a minha vontade de deixar o orfanato. Ele fora a única pessoa realmente boa que eu conhecera, e não apenas ali no orfanato, mas, depois de meus pais, a única pessoa boa que eu havia encontrado na vida.

Diante do silêncio da irmã que havia me prometido a liberdade, comecei novamente a planejar minha fuga. Eu sabia que seria muito difícil sair dali. Pensei, pensei, e cada possibilidade envolvia uma grande dificuldade. Eu precisava de um aliado, de alguém que me ajudasse na execução de meus planos. Mas até isso era muito difícil conseguir lá dentro, pois a fidelidade e o companheirismo eram apenas palavras para aquelas crianças sofridas e desamparadas que, assim como eu e meus irmãos, ali estavam não por opção, mas sim por um grande golpe da vida. Só me restava continuar esperando pela ajuda da irmã.

Passados alguns dias da morte de nosso querido e já saudoso doutor, soubemos, pelas pessoas que visitavam o orfanato, que ele fora morto pela Santa Inquisição, acusado de heresia e

não sei mais o que, pois as palavras usadas por elas eram muito complicadas para mim. Soubemos que nosso amigo havia sido enforcado. Dentro de mim, bem no fundo do meu coração, nasceu ali, naquele momento, uma revolta enorme, uma dor intensa e a firme convicção de que jamais confiaria ou acreditaria em quem quer que fosse que fizesse parte da Igreja. Eles pregavam uma coisa e faziam outra. Dali em diante minha fé se abateu, não em Deus, nem tampouco em Jesus e na Virgem, mas sim naqueles homens e mulheres que, “castamente” vestidos, falavam de Deus, de amor e de caridade sem praticar nada daquilo que diziam. Suas palavras não correspondiam a seus atos e, por isso e por toda a humilhação que havíamos passado dentro da igreja quando meus pais eram vivos, deixei de acreditar nos sacerdotes e nas irmãs de caridade.

Por essa razão, por mais essa decepção que se transformou em revolta, foi que decidi não esperar pela ajuda prometida. Eu deveria encontrar uma maneira de sair dali o mais rápido possível, por mim mesma.

Envolta por esses pensamentos e decidida a agir por conta própria, eis que a irmã veio a mim com boas novas:

– Luzia, venha cá, tenho novidades e das boas! Venha, ande, Luzia, precisamos conversar.

Embora minha confiança nos “servos do Senhor” estivesse abalada, uma ponta de esperança tornou a inflamar os meus sentidos e corri para junto da irmã:

– Sim, irmã?

– Luzia, se prepare, depois de amanhã partiremos juntas para longe daqui.

– Como assim, juntas?

– Psiu! Fale baixo, menina! Ninguém pode nos ouvir nem saber de nossos planos, lembra?

– Lembro, irmã. A senhora me pediu sigilo, mas foi quanto ao emprego que iria me arranjar. Nunca pensei que a senhora também quisesse sair daqui. Estou surpresa, só isso.

– Deixe as surpresas e espantos para depois. Agora só preciso de seu silêncio e de sua confiança, bem como de sua ajuda para que tudo dê certo.

– Com o meu silêncio a senhora pode contar, com a minha ajuda também, mas devo dizer a verdade, com a minha confian-